

“Reflexões sobre o Racismo”, de Jean Paul Sartre: uma análise das origens psicológicas do preconceito racial

- “*Reflexiones sobre el racismo*”, Jean Paul Sartre: un análisis de los orígenes psicológicos de los prejuicios raciales
- Jean Paul Sartre’s “*Reflections on Racism*”: an analysis of the psychological origins of racial prejudice

Eli Vagner F. Rodrigues¹

Resumo: Em “*Reflexões Sobre o Racismo*” de Jean Paul Sartre o filósofo desenvolve uma análise psicológica do preconceito antissemita que possibilita a compreensão de alguns aspectos relevantes do desenvolvimento de sentimentos preconceituosos. Através de uma desconstrução do comportamento e da postura psicológica do tipo antissemita, aliada a uma análise de aspectos relevantes da história recente da Europa décadas de 50/60, Sartre tenta provar a incoerência das ideias racistas contra o povo judeu. A análise de Sartre ultrapassa o embate panfletário racista como no caso dos libelos apócrifos (Os protocolos dos sábios de Sião), e o registro ideológico e adentra num território de análise “psicológica” do antissemita. As ideias de Sartre, sobretudo no núcleo interpretativo do texto não são as de um especialista no tema da história do antissemitismo, seu texto se situa mais na classificação ensaística que propriamente resultado de longa investigação

1 Professor de filosofia da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação / Unesp, campus de Bauru-SP. elivagner@faac.unesp.br

sobre o tema, mas nos conduz à questões importantes, que podem, a meu ver, ser aplicadas a todo tipo de racismo e de pensamento predisposto ao ódio e à xenofobia.

Palavras-chave: Antissemitismo. Preconceito. Racismo. Psicologia. Nazismo.

Resumen: En *"Reflexiones sobre el Racismo"*, de Jean Paul Sartre filósofo desarrolla un análisis psicológico del prejuicio antisemita que fomenta nuestra comprensión de algunos aspectos relevantes del desarrollo de sentimientos prejuiciosos. A través de una deconstrucción de la conducta y la actitud psicológica de tipo antisemita, junto con un análisis de los aspectos relevantes de las últimas décadas de historia de Europa de 50/60, Sartre trata de demostrar la inconsistencia de las ideas racistas contra el pueblo judío. Análisis de Sartre va más allá del choque panfleto racista como en el caso de los libelos apócrifos (Protocolos de los Sabios de Sión), y el registro ideológico y entra en un análisis de territorio "psicológica" de antisemita. Las ideas de Sartre, sobre todo en el núcleo interpretativo del texto no es un experto en el tema de la historia del antisemitismo, el texto se encuentra más en la clasificación ensayo resultar adecuada de larga investigación sobre el tema, pero conduce a preguntas importantes que puede, en mi opinión, se aplicará a todo tipo de racismo y predispuestos pensamiento al odio y la xenofobia.

Palabras clave: El antisemitismo . El prejuicio . Racismo. Psicología . nazismo .

Abstract: In *"Reflections on Racism"* by Jean Paul Sartre the philosopher develops a psychological analysis of anti-Semitic prejudice that furthers our understanding of some relevant aspects of the development of prejudiced feelings. Through a deconstruction of behavior and psychological stance of anti-Semitic type, together with an analysis of relevant aspects of recent European history decades of 50/60, Sartre tries to prove the inconsistency of racist ideas against the Jewish people. Sartre's analysis goes beyond the racist pamphlet clash as in the case of the apocryphal libels (Protocols of the Elders of Zion), and the ideological record and enters a territory analysis "psychological" of anti-Semitic. The Sartre's ideas, especially in interpretive core of the text is not an expert on the subject of the history of anti-Semitism, your text is located more in the essay classification properly result of long research on the topic, but leads to important questions which can, in my view, be applied to all kinds of racism and predisposed thought to hatred and xenophobia.

Keywords: Antisemitism . Preconception. Racism. Psychology. Nazism

Introdução

A recente publicação em português da obra *Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial* de Peter Trawny, catedrático responsável pela publicação dos chamados "cadernos negros" (Schwarze Hefte) de Heidegger, textos até então inéditos que foram

confiados à família do filósofo, traz de volta a polêmica sobre o suposto antissemitismo daquele que foi considerado o mais influente filósofo do século XX. Na obra acima citada Peter Trawny examina o que pode ser denominado de antissemitismo onto-histórico do filósofo da floresta negra. Toda esta polêmica e os reflexos de tal gravíssima acusação, por se tratar de um filósofo de primeira linha que teria tido todas as oportunidades de, intelectualmente, se defender de ideias e influências culturais nefastas e irracionais nos leva a uma questão fundamental para a história do antissemitismo e, conseqüentemente para a história do preconceito e dos direitos humanos. A questão que se coloca não diz respeito apenas à origem do antissemitismo, mas também a seus mecanismos psicológicos de autoafirmação. Neste sentido a obra que mais se aproxima de uma análise psicológica contundente do fenômeno do antissemitismo ainda é o livro *"Reflexões Sobre o Racismo"* de Jean Paul Sartre. Nessa obra Sartre desenvolve uma análise de aspectos psicológicos que podem gerar o preconceito antissemita e possibilitar a compreensão de alguns aspectos relevantes do desenvolvimento de sentimentos preconceituosos. Como aspectos psicológicos, interpretamos as questões e posturas relacionadas ao gosto, às paixões e a tradições populares que motivam ações de grupos em sua afirmação social.

Através de uma desconstrução do comportamento e da postura psicológica do tipo antissemita, aliada a uma análise de aspectos relevantes da história recente da Europa décadas de 50/60, Sartre tenta provar a incoerência das ideias racistas contra o povo judeu. A análise de Sartre ultrapassa o embate panfletário racista como no caso dos libelos apócrifos (*Os protocolos dos sábios de Sião*), e o registro ideológico e adentra num território de análise psicológica do antissemita. As ideias de Sartre, sobretudo no núcleo interpretativo do texto não são as de um especialista no tema da história do antissemitismo. Seu texto situa-se mais na classificação ensaística do que propriamente o resultado de longa investigação sobre o tema, mas nos conduz a questões importantes, que podem, a meu ver, ser aplicadas a todo tipo de racismo e de pensamento predisposto ao ódio e à xenofobia.

De saída, declaradamente contrário à tese que defende a influência nefasta do povo judeu em episódios econômicos e políticos, Sartre rechaça qualquer tentativa de justificação étnica do antissemitismo. Por antissemita Sartre entende o que segue:

Se um homem atribui, no todo ou em parte, as desgraças de seu país ou suas próprias desgraças, a presença de elementos judeus na comunidade, se propõe remediar tal estado de coisas, privando os judeus de seus direitos ou afastando-os de certas funções econômicas e sociais ou expulsando-os do território, ou exterminando-os a todos, diz-se que alimenta opiniões antissemitas. (SARTRE, 1965, p. 7)

Para o filósofo, o antissemitismo parece ser uma espécie de gosto subjetivo, que se compõe com outros gostos, a fim de formar a pessoa do antissemita.

Toda a argumentação de Sartre neste escrito caminha no sentido de provar que o antissemitismo é muito diferente de um pensamento coerente e que é, antes de tudo, uma paixão. Aqui a palavra paixão, como o próprio Sartre explica, é usada no sentido

de uma afecção de ódio ou de cólera. Neste sentido, os argumentos de um antissemita procedem de uma lógica passional. Inquiridas sobre as razões de seu antissemitismo a maioria das pessoas, segundo Sartre, se limita a enumerar os defeitos que a tradição atribui aos judeus. "Eu os odeio por que são interesseiros, intrigantes, pegajosos, viscosos, sem tato, etc." (SARTRE, 1965, p. 9). Nota-se que as razões são da ordem estritamente passional e que não se baseiam em fatos analisados de uma perspectiva crítica, ou mesmo a partir de uma perspectiva historiográfica ou sociológica razoável.

A análise do modo de pensamento passional efetuada por Sartre serve como paradigma de análise não só para o caso do antissemitismo, mas para outros tipos de racismo. Ele explica que o costume de atribuir a indivíduos de outra raça² as desgraças de um país ou de um povo repousa, no fundo, na escolha a *priori* pelos raciocínios passionais, isto é, na ideia de que o mal causado a um povo não pode ter se originado neste próprio povo. Nestes casos não é a experiência que explica e justifica a conduta ou o juízo antissemita, mas a predisposição para a explicação racista das situações de crise.

Baseado em relatos históricos Sartre evidencia o fato de que nenhum fator objetivo externo pode incutir no antissemita o seu antissemitismo e afirma que este sentimento, ou posicionamento, é uma livre e total escolha de si mesmo, uma atitude global que alguém adota não só em face dos judeus, como, ainda, em face dos homens em geral, da história e da sociedade. Este sentimento é a um só tempo, uma paixão e uma concepção de mundo. Esta concepção se antecipa aos fatos que deveriam suscitá-la, procura fatos que possam corroborar sua posição e os interpreta da maneira que melhor sirva à sua corrente ideológica ou à sua ideologia de fundo racista.

Sartre lembra que não raro, nestes contextos de confronto, opta-se por uma interpretação da vida mais baseada em uma visão nacionalista³ apaixonada que se distancia, evidentemente de uma visão racional. Isto por que comumente amamos os objetos de paixão: as mulheres, a glória, o poder, o dinheiro e odiamos o que provoca as crises e os conflitos sem perceber que os próprios conflitos se originam deste sentimento. Se, para Sartre, o antissemita elegeu o ódio como sentimento, a partir de uma lógica de autoafirmação, somos obrigados a concluir que o que ele ama é o estado apaixonado de sua ação. Segundo o filósofo, este indivíduo nutre a nostalgia da impermeabilidade. Enquanto o homem sensato busca com sofrimento uma verdade e sabe que seus raciocínios são apenas prováveis, que outras conclusões não de pô-los em dúvida e por este motivo está aberto a argumentos, o antissemita quer ser maciço e impermeável não quer mudar: ele teme o lugar que o conduzirá a mudança. Trata-se, segundo Sartre, de um temor original de si próprio e de um temor da verdade. O que os amedronta, observa, não é o conteúdo

2 O conceito de raça é usado aqui ainda no contexto pré-científico que tentava determinar diferenças essenciais entre os povos; portanto, sem o esclarecimento que posteriormente a biologia conferiu ao tema e que marca o uso pseudocientífico do termo pelos grupos antissemitas da época em questão.

3 O nacionalismo seria uma paixão popular baseada na necessidade de autoafirmação e de identidade cultural. A partir de sentimentos nacionalistas a lógica da alteridade, o sentimento de oposição ao que não é igual a identidade própria passa a ser um foco de conflitos.

da verdade, sobre a qual nem sequer suspeitam, porém, a própria forma do verdadeiro, este objeto de indefinida aproximação. O antissemita não quer opiniões adquiridas, ele as quer inatas, pois tem medo do raciocínio e do empírico.

Mas há pessoas que são atraídas pela constância das pedras. Querem ser maciças e impenetráveis, não querem mudar – pois aonde a mudança as levaria? Trata-se de um medo primordial de si mesmos e um medo da verdade. E o que as assusta não é o teor da verdade, do qual aliás nem desconfiam mesmo, mas sim a forma do verdadeiro, esse objeto de contornos indefinidos. É como se a própria existência dessas pessoas estivesse permanentemente em suspenso. Mas elas querem opiniões adquiridas, querem opiniões inatas; como têm medo de raciocinar, desejam um modo de vida no qual o raciocínio e a indagação tenham papel apenas subalterno, no qual só se busque o que já se descobriu, no qual o que já é nunca se transforme. Para isso, resta apenas a paixão. (SARTRE, 1965, p. 13)

Análise psicológica do antissemita

A análise psicológica de Sartre aponta, ainda, para um aspecto epistemológico. O antissemita, como o autor o caracteriza, coloca o raciocínio a serviço de suas ideias já cristalizadas e nunca na função de método de investigação da verdade. Neste sentido o raciocínio não procura nada além do que ele já encontrou, isto é, toda a função da razão fica em segundo plano como uma ferramenta a serviço de suas convicções. A concepção de mundo do antissemita seria pré-lógica.

As faces do antissemitismo vão do simples desprezo pela cultura e aparência dos judeus até as concepções mais abstratas sobre a origem maligna da raça. Há em alguns discursos mais radicais a ideia de que o judeu participa, como que por essência, do mal do mundo, isto é, em todas as tramas malignas da história a participação de judeus seria um fato. Alguns antissemitas parecem acreditar que existe um ente metafísico que impele o judeu a praticar o mal em todas as circunstâncias, ainda que para tanto deva destruir-se a si mesmo. Este princípio, observa Sartre, é mágico: de um lado há uma essência, uma forma substancial, e ao judeu, faça o que fizer, não é dado modificá-la, assim como o fogo não pode impedir-se de arder. A partir desta concepção metafísica pode-se creditar todo o mal do mundo aos judeus. Desta conclusão até a ideia de que a eliminação desta raça significaria um bem para a humanidade é um passo curto. Esta concepção parece estar na base das ações de extermínio da chamada "solução final" adotada pelo Terceiro Reich na "Segunda Grande Guerra". Mas como se chegou a tal concepção?

Sartre defende que o antissemitismo canaliza os impulsos revolucionários, anseios de mudanças políticas e sociais, para a eliminação de certos homens, não de instituições. Uma multidão antissemita julgará ter feito bastante depois de chacinar alguns judeus e incendiar algumas sinagogas. O antissemitismo, então, representaria uma válvula de escape para alguns grupos que substituem assim o ódio perigoso contra um regime pelo ódio benigno contra particulares. Segundo Sartre este tipo de ação também é tranquilizadora para o antissemita que, baseado numa concepção simplista e maniqueísta do

mundo se dá por contente com o "bem" que supostamente está na ação de eliminar o judeu. Para Sartre, é característico do comportamento radical e do fundamentalista a falta de um espírito crítico. Neste sentido se afirma que a ação violenta leva a ilusão de que o melhor já foi feito, e pelas próprias mãos. Este sentimento de justiça, segundo Sartre, teria a força de milhões de argumentos e ultrapassaria em poder de persuasão o melhor dos argumentos racionais. Esta interpretação de Sartre pode levar luz à insistente questão sobre como o povo alemão pode não somente aceitar mais apoiar as medidas radicais do terceiro Reich, em outras palavras, a questão que todo estudante de história já se colocou, a saber, a de como o nazismo foi possível na mesma nação de Goethe, Kant e Humboldt.

O apelo à racionalidade, ao bom senso e a ponderação não surtem efeito neste território. Esta, a meu ver, é uma das conclusões mais importantes do texto de Sartre. A constatação de uma espécie de ineficácia da razão no que diz respeito ao campo das posições políticas radicais e dos preconceitos raciais, que, no caso do antissemitismo, toma formas políticas e comportamentais as mais extravagantes e perigosas.

O antissemitismo seria uma das manifestações de uma alma coletiva irracional que tende a criar estados ultraconservadores, espécies de governo baseados em princípios conservadores e de autoafirmação racial. O antissemita é um homem que tem medo de si próprio, de sua consciência, de sua liberdade, de seus instintos, de suas responsabilidades, da solidão e, sobretudo, da modificação da sociedade e do mundo. O antissemita teme tudo, enfim, menos seu ódio aos judeus, este é seu ponto de autoafirmação. Nas palavras de Sartre:

O antissemita é um covarde que não quer confessar sua covardia; um assassino que recalca e censura sua tendência ao homicídio sem poder refreá-la e que, no entanto, só ousa matar em efígie ou no anonimato de uma multidão; um descontente que não se atreve a revoltar-se por receio das consequências de sua revolta. Aderindo ao antissemitismo não apenas adota uma opinião, mas se escolhe como pessoa. (SARTRE, 1965, p. 32)

Sartre conclui que, para o antissemita, o judeu, alvo de toda sua ira e revolta, não é senão um pretexto, em outra parte seria utilizado o negro, o amarelo, o homossexual. A concepção da diferença é de difícil aceitação para o racista em geral. A diversidade cultural e a multiplicidade racial de certa forma agridem as ideias daqueles que concebem a pureza da raça como uma virtude e a miscigenação como degeneração. Neste sentido pode-se afirmar, com Sartre, que o racismo é o medo da diante da própria condição humana que inevitavelmente vive o fenômeno da confluência biológica e cultural. O antissemitismo é um tipo de medo da vida, um medo transformado em ódio, sentimentos irmãos.

Neste contexto o democrata seria uma figura que, segundo Sartre, agiria, a princípio, como um amigo dos judeus. Trata-se, porém, de um pobre defensor de ideias, pois na sua universalidade de pensamento (todos devem ter os mesmos direitos), ele não

conhece o judeu, nem o negro, nem o árabe. Não tem olhos para as sínteses concretas que a história lhe apresenta. Para o democrata todas as coletividades são uma soma de indivíduos e por indivíduo ele entende uma encarnação singular dos traços universais que constituem a natureza humana. A discussão entre o democrata e o antissemita se torna um diálogo de surdos, pois ambos não falam das mesmas coisas. O que o antissemita pode encarar como um vício judeu o democrata considera uma característica universal, isto é, algo que está presente em todo ser humano. O democrata "suprime" o judeu em favor do homem.

Sartre concorda com o antissemita num ponto: "não acreditamos que uma sociedade seja uma soma de moléculas isoladas ou isoláveis; cremos que cumpre considerar os fenômenos biológicos, psíquicos ou sociais com um espírito sintético." No entanto, ele discorda do modo de aplicação deste espírito sintético. Sartre afirma não conhecer nenhum "princípio" judeu pejorativo. Além de não defender um maniqueísmo como faz o antissemita e de não admitir, tampouco, que o verdadeiro francês se beneficie das tradições legadas por seus antepassados. A crítica do filósofo, neste aspecto, recai não só sobre o antissemita, mas também sobre o francês conservador apegado à tradição pelo simples fato de ser uma "tradição", não questionando se é benéfica ou não.

Conclusões

O problema do antissemitismo é mais complexo do que uma mera intriga racial. Vimos que não é o caráter judeu que provoca o antissemitismo, mas que na verdade é o antissemita que cria o tipo judeu estereotipado como avaro, conspirador e nefasto. O fenômeno primeiro é o antissemitismo, esta espécie de neurose social derivada de uma concepção de mundo pré-lógica. O que se pretende então como solução para o problema? A assimilação dos judeus nas sociedades? Sartre observa que o verdadeiro adversário da assimilação é o antissemita e não o judeu. Este se empenha para que a assimilação aconteça. Enquanto houver um antissemita, porém, a assimilação não poderá se realizar, afirma Sartre. Isto nos lembra a frase do escritor negro Richard Wright: "Não há problema negro nos Estados Unidos há apenas um problema branco". Sartre afirma que o problema judeu é um problema de todos os franceses: "Antes de tudo não cabe aos judeus organizar uma liga militante contra o antissemitismo, mas a nós". (SARTRE, 1965, p. 89)

Segundo o filósofo tal liga não seria a solução final para o problema, mas poderia mobilizar a sociedade e deflagrar posicionamentos que formariam uma rede de coletividade ativa contra as injustiças raciais e políticas. Conviria, afirma Sartre, apontar a cada um que o destino dos judeus é o seu destino. "Nenhum francês estará em segurança enquanto um judeu, em França e no mundo inteiro, possa temer por sua vida". (SARTRE, 1965, p. 89)

Se pensarmos nas repercussões deste escrito e na importância da militância intelectual de Sartre nos anos sessenta podemos, a meu ver, associar este posicionamento

com o surgimento de entidades de defesa dos direitos humanos que atuam nos dias de hoje.

A análise de Sartre parte, a meu ver, de um princípio teórico bem determinado: a concepção do tipo antissemita como um indivíduo incapaz de assimilar a realidade na sua complexidade. A caracterização psicológica feita por Sartre e a análise de fatos históricos da história da França serve de fundo teórico para a desconstrução do discurso antissemita efetuada com lucidez pelo filósofo. A estratégia de Sartre funciona não só pela fragilidade das teses antissemitas, mas sobretudo pela opção de apresentar as fraquezas da personalidade racista diante da necessidade de convivermos com as diferenças raciais e políticas. Tal necessidade se comprova não apenas como ponto de convergência teórica ao qual Sartre declaradamente se filia como por tendência política verificável no século XX e XXI. Ao final a desconstrução efetuada por Sartre toma a forma de manifesto ou mesmo de um panfleto, sem que este título desmereça a sua análise, em favor da tolerância.

Como afirmamos no início desta análise, a desconstrução psicológica efetuada pelo filósofo da tipologia antissemita pode ser considerada como modelo para a análise de outros tipos de racismo. No caso do antissemitismo, observa Sartre, há o perigo do "homem de bem" antissemita.

Um homem pode ser um bom pai e bom marido, cidadão dedicado, amante das letras, filantropo e, além disso, antissemita. Pode gostar de pesca e dos prazeres do amor, ser tolerante em matéria de religião, estar cheio de ideias generosas sobre a condição dos indígenas da África Central e, além disso, detestar os judeus. (SARTRE, 1965, p. 7)

Como a intolerância não é privilégio de nenhuma nação e a irracionalidade não é patrimônio de nenhum povo, encontramos o perfil do antissemita em várias sociedades. Como afirmamos, a análise de Sartre nos leva a pensar o antissemitismo como um modelo do preconceito e que este modelo aponta para o medo da realidade multicultural da existência humana. Como a realidade está marcada essencialmente pela diferença, o antissemita, e todos aqueles que se comportam como ele, teme a diferença pois não tem a capacidade de lidar com o que lhe é estranho. Mais do que isso, ele se volta contra aquilo que não é sua identidade na tentativa de localizar o problema fora de si. O que a consciência filosófica nos ensina é que os problemas humanos não estão em uma esfera exterior ao homem. Neste sentido, o antissemita é um fraco que, ao vislumbrar em si a possibilidade da origem dos problemas se volta para fora e nega a autoanálise, o outro sempre será, para ele, a causa dos problemas e das crises sociais. No famoso texto *O Existencialismo é um humanismo*, Sartre afirma:

O existencialismo não acredita no poder da paixão. Ele considera que o homem é responsável por sua paixão. Ele considera que o homem é o responsável pelo que decifra do mundo. Pensa, pois

que o homem, sem apoio é obrigado a inventar o homem a todo instante. (SARTRE 1973, p. 7)

A reinvenção do homem não admite, segundo Sartre, o ódio ao que é humano, o antissemita não se reinventa com base na diferença, antes se afirma como alguém que, antes de tudo, teme a alteridade. Na obra *A questão judaica*, Sartre aprofunda este raciocínio a partir da análise do sentimento de pertencimento a um tipo de elite.

O antissemitismo não consiste apenas no prazer de odiar; acarreta também prazeres positivos: tratando o judeu como ser inferior e pernicioso, estou também afirmando que pertenço a uma elite. E esta, muito diferentemente das elites modernas que se baseiam no mérito e no trabalho, assemelha-se em tudo a uma aristocracia de sangue. Não preciso fazer nada para merecer minha superioridade, e não há como perdê-la. É dada para sempre – é uma coisa. (SARTRE, 1995, p. 20).

Referências

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Coleção Os Pensadores- V. 45. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

_____. *A questão judaica*. São Paulo: Ática, 1995.

TRAWNY, Peter. *Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial*, Editora: Mauad, São Paulo, 2016.

Recebido em: 20/01/2016.

Aprovado em: 04/04/2016.

